

FICHA TÉCNICA

Título original: *Belgravia*

Autor: *Julian Fellowes*

Copyright © The Orion Publishing Group Limited 2016

Obra publicada originalmente em série, sob o título Julian Fellowes's BELGRAVIA, em 2016

Publicada em livro, num único volume, na Grã-Bretanha, em 2016, por Weidenfeld & Nicolson, uma chancela de The Orion Publishing Group Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria do Carmo Figueira*

Revisão: *Florabela Barreto/Editorial Presença*

Capa: *The Orion Publishing Group*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, maio, 2017

Depósito legal n.º 424 344/17

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

JULIAN FELLOWES'S é uma marca não registada de Julian Fellowes e é usada sob autorização por The Orion Publishing Group Limited.

BELGRAVIA é uma marca registada de The Orion Publishing Group Limited.

Os direitos de Julian Fellowes como autor desta obra estão certificados conforme o Copyright, Designs and Patents Act, 1988.

Imogen Edwards-Jones colaborou com consultora editorial na criação de *Belgravia*, de Julian Fellowes.

Lindy Woodhead colaborou como consultora histórica na criação de *Belgravia*, de Julian Fellowes.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sob qualquer forma ou meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou armazenamento de informação sem o consentimento prévio, por escrito, do proprietário.

À exceção de figuras históricas, todas as personagens neste livro são fictícias e qualquer semelhança com pessoas vivas ou falecidas é pura coincidência.

Para a minha mulher, Emma,
sem a qual nada na minha vida
seria possível.

ÍNDICE

1. Do baile para a batalha	11
2. Um encontro fortuito	41
3. Laços de família	81
4. Em casa, em Belgrave Square	113
5. O acordo	151
6. Um espião entre nós	183
7. Um homem de negócios	217
8. Um rendimento vitalício	259
9. O passado é um país desconhecido	307
10. O regresso ao passado	351
11. A herança	399



1

DO BAILE PARA A BATALHA



Como tantas vezes nos dizem, o passado é um país desconhecido onde as coisas são feitas de forma diferente. Pode ser verdade — aliás, é manifestamente verdade, no que respeita à moral e aos costumes, ao papel das mulheres, ao governo aristocrata e a uma miríade de outros elementos do nosso dia a dia. Mas também há semelhanças. A ambição, a inveja, a ira, a cobiça, a bondade, o altruísmo e, acima de tudo, o amor sempre tiveram tanta influência nas escolhas que se fazem como hoje. Esta é a história de pessoas que viveram há dois séculos, mas, apesar disso, muitas das coisas que desejavam, muitas das coisas de que se arrependiam e muitas das paixões que assolavam os seus corações eram iguais aos dramas vividos à nossa maneira, nos nossos dias...

Não parecia uma cidade à beira da guerra; ainda menos a capital de um país que fora separado de um reino e anexado por outro, apenas três meses antes. Em junho de 1815, Bruxelas quase parecia *en fête*, com bancas coloridas e concorridas nos mercados e carruagens abertas, pintadas de cores garridas, a percorrerem as ruas largas, transportando as suas grandiosas damas e respetivas filhas para os seus compromissos sociais inadiáveis. Ninguém iria adivinhar que o Imperador Napoleão estava a caminho e poderia acampar junto à cidade a qualquer momento.

Nada disto interessava particularmente a Sophia Trenchard, que abria caminho por entre a multidão de uma forma tão determinada que ninguém acreditaria que tinha apenas dezoito anos. Como qualquer outra jovem bem-educada, especialmente num

país desconhecido, estava acompanhada pela sua criada, Jane Croft, quatro anos mais velha do que ela. No entanto, se alguma delas ia a proteger a outra de um choque com outro transeunte, seria Sophia, que parecia preparada para tudo. Era bonita, bastante bonita até, com os clássicos cabelos louros e olhos azuis de uma inglesa, mas com uma boca fina que dizia claramente que aquela jovem não iria precisar da autorização da mãe para embarcar numa aventura.

— Despacha-te, senão ele sai para o almoço e a nossa viagem terá sido em vão.

Estava naquela fase da vida em que a infância acabou, e uma falsa maturidade, ainda sem os entraves da experiência, transmite a sensação de que tudo é possível, até que a chegada da verdadeira idade adulta prova definitivamente o contrário.

— Vou o mais depressa que posso, menina — murmurou Jane e, como que a comprovar as suas palavras, um hussardo apressado deu-lhe um encontrão, sem sequer parar para saber se ela estava bem. — Isto parece um campo de batalha. — Jane não era uma beldade, como a sua jovem senhora, mas tinha um rosto feroso, forte e rosado, mais consentâneo com as veredas do campo do que com as ruas da cidade.

Era bastante determinada, à sua maneira, e a sua jovem senhora gostava dela por isso mesmo.

— Não sejas tão mole. — Sophia já quase tinha chegado ao destino, deixando a rua principal, para se dirigir a um pátio, que outrora podia ter sido um mercado de gado, mas que agora estava a cargo do exército, que o utilizava como depósito de mantimentos. De grandes carruagens iam sendo descarregadas caixas, sacas e cestas, que eram transportadas para os armazéns à volta do pátio por uma corrente incessante de soldados de todos os regimentos, ora conversando, ora discutindo, ao deslocarem-se em grupos. Naturalmente, a chegada de uma jovem atraente, acompanhada pela criada, chamou as atenções, e, por um momento, as conversas foram interrompidas.

— Não se incomodem, por favor — disse Sophia, olhando calmamente à sua volta. — Só vim visitar o meu pai, o senhor Trenchard.

Um soldado jovem deu alguns passos em frente.

— Sabe o caminho, menina Trenchard?

— Sei, obrigada. — Assumindo um ar ligeiramente mais importante, dirigiu-se para a entrada do edifício principal e, sempre seguida por Jane, toda a tremer, subiu as escadas para o primeiro andar. Cruzou-se com alguns soldados que pareciam estar à espera de autorização para entrar, mas Sophia não estava preparada para se submeter a tal disciplina. Abriu a porta. — Fica aqui — ordenou. Jane ficou para trás, desfrutando da curiosidade dos homens.

A sala onde Sophia entrou era ampla, com uma decoração leve e cômoda, uma secretária de mogno bonita e outros móveis do mesmo estilo, formando um cenário apropriado ao comércio e não à sociedade; era um local de trabalho e não de divertimento. Num canto, um homem de porte majestoso, na casa dos quarenta, dava um sermão a um soldado com um uniforme impecável.

— Quem diabo é que se atreve a interromper-me? — Deu meia-volta, mas, assim que viu a filha, o seu estado de espírito mudou, e o rosto corado e zangado foi iluminado por um sorriso terno. — Então? — disse, mas a filha olhou para o soldado. O pai acenou com a cabeça. — Peço desculpa, capitão Cooper.

— Muito bem, Trenchard...

— Trenchard?

— *Senhor* Trenchard. Mas precisamos da farinha hoje à noite. O meu comandante fez-me prometer que não voltaria sem ela.

— E eu prometi fazer tudo o que estiver ao meu alcance, capitão.

O militar ficou visivelmente irritado, mas foi obrigado a aceitar a resposta, pois não havia mais nada a fazer. Retirou-se após um aceno com a cabeça, deixando pai e filha sozinhos.

— Conseguiu? — O entusiasmo dele era palpável, e havia nele algo de encantador: um comerciante anafado, meio careca, com a excitação de uma criança na noite de Natal.

Muito devagar, saboreando o momento até à última gota, Sophia abriu a malinha de mão, retirando lá de dentro três quadrados de cartão branco.

— Tenho três: um para si, um para a mamã e um para mim — anunciou, regozijando-se com triunfo.

O pai quase os rasgou, ao arrancá-los da sua mão. Se estivesse há um mês sem comer nem beber, não estaria mais ansioso. A letra impressa era simples e elegante.



Ele olhou fixamente para o cartão.

— Lorde Bellasis deve jantar lá, não acha?

— Ela é sua tia.

— Claro.

— Não vai haver jantar. Um jantar propriamente dito. Só a família e algumas pessoas que estão instaladas em casa deles.

— Dizem sempre que não há jantar, mas normalmente há.

— Não estava à espera de ser convidado?

Ele sonhara com isso, mas não estava à espera de que acontecesse.

— Não, não. Estou muito contente.

— O Edmund diz que vai ser servida uma ceia algures depois da meia-noite.

— Não o trate por Edmund à frente de ninguém a não ser eu. — O seu estado de espírito já recuperara a alegria, afastando um pequeno momento de desapontamento com a ideia do que os esperava. — Tem de voltar para junto da sua mãe. Ela vai precisar de muito tempo para se arranjar.

Sophia era demasiado jovem e demasiado confiante para ter a noção da enormidade do que conseguira. Além disso, era mais prática naquelas coisas do que o pai, que se deixava deslumbrar.

— Já não há tempo para mandar fazer nada.

— Mas ainda há tempo para estarmos à altura do acontecimento.

— A mamã não vai querer ir.

— Vai, porque tem de ir.

Sophia começou a dirigir-se para a porta, mas ocorreu-lhe uma dúvida.

— Quando é que lhe dizemos? — perguntou, sem tirar os olhos do pai.

Apanhado desprevenido, o pai começou a mexer na corrente de ouro do relógio. O momento tornou-se constrangedor. A situação não mudara desde há pouco mas, de certa forma, o tom e a substância tinham-se alterado. Qualquer pessoa de fora que os observasse perceberia que o assunto de que estavam a falar adquirira repentinamente uma seriedade que extravasava a simples escolha da indumentária para o baile da duquesa.

Trenchard foi muito assertivo na sua resposta.

— Ainda não. Temos de fazer tudo como deve ser. É melhor deixarmos que seja ele a orientar-nos. E mande entrar outra vez aquele idiota. — A filha assim fez, mas James Trenchard continuou curiosamente preocupado depois de ela sair. Ouviu gritos vindos da rua, e foi até à janela: era um militar e um comerciante a discutirem.

Depois, a porta abriu-se, e o capitão Cooper voltou a entrar. Trenchard fez-lhe um pequeno aceno com a cabeça. Estava na hora de voltar aos negócios.

Sophia estava certa. A mãe não queria ir ao baile.

— Só nos convidaram porque alguém se recusou a ir.

— E que diferença faz?

— É um disparate — disse a Sra. Trenchard, abanando a cabeça.

— Não teremos lá ninguém conhecido.

— O papá terá.

Havia alturas em que Anne Trenchard se sentia irritada com os filhos. Não sabiam nada da vida, apesar da sua altivez. Tinham começado a ser mimados desde a infância, desculpados pelo pai,

até ficarem convencidos de que nada alteraria a sua vida privilegiada, sobre a qual nem se davam ao incômodo de pensar. Desconheciam por completo o percurso que os pais tinham feito até atingirem a posição que tinham, enquanto a mãe se lembrava de cada pequeno passo cheio de escolhos.

— Há de conhecer, pelo menos, alguns militares que vão buscar mantimentos lá ao armazém. E, por sua vez, eles ficarão admirados por estarem no mesmo salão de baile que o homem que fornece pão e cerveja para os seus homens.

— Espero que não fale assim a Lorde Bellasis.

A expressão da Sra. Trenchard tornou-se ligeiramente menos tensa.

— Minha querida — disse, pegando na mão da filha —, tenha cuidado com os castelos no ar.

Sophia retirou os dedos.

— É óbvio que não o acha capaz de ter boas intenções.

— Pelo contrário, tenho a certeza de que Lorde Bellasis é um homem honrado. Lá simpático é.

— Então, está tudo bem.

— Mas ele é o filho mais velho de um conde, filha, com todas as responsabilidades que isso comporta. Não pode escolher para esposa apenas a mulher que o seu coração desejar. Não estou zangada. Vocês são os dois jovens e bonitos e estão a divertir-se com esse namorico, que não tem feito nada de mal, nem a um nem ao outro. Até agora. — A ênfase que pôs nas duas últimas palavras deixou bem clara a conclusão a que queria chegar. — Mas isso tem de acabar antes que comece a má-língua, porque senão, Sophia, quem vai sofrer com isso é a menina, não ele.

— Não significa nada para si o facto de ele ter conseguido que fôssemos convidados para o baile da tia?

— Significa que a menina é uma rapariga muito bonita a quem ele deseja agradar. Em Londres, ele não teria conseguido tal coisa, mas em Bruxelas está tudo alterado pela guerra e, portanto, as regras normais não se aplicam.

A última frase da mãe irritou Sophia mais do que tudo.

— Quer dizer que segundo as regras normais não somos uma companhia aceitável para os amigos da duquesa?

Ao seu modo, a Sra. Trenchard era tão forte como a filha.

— É exatamente isso que quero dizer, e bem sabe que é verdade.

— O papá não concordaria.

— O seu pai conseguiu empreender com êxito um longo caminho, mais longo do que a maior parte das pessoas poderia imaginar, e por isso não vê as barreiras naturais que o impedirão de ir muito mais além. Satisfaça-se com o que somos. Deve ter orgulho naquilo que o seu pai conseguiu alcançar neste mundo.

A porta abriu-se, e a criada da Sra. Trenchard entrou, segurando um vestido de noite. — Vim demasiado cedo, minha senhora?

— Não, não, Ellis. Entre. Nós já acabámos, não?

— Se o diz, mamã. — Sophia deixou o quarto, mas a rigidez do queixo deixava transparecer que não se dava por vencida.

Era óbvio pela forma como Ellis cumpria as suas tarefas num silêncio notório que estava mortinha de curiosidade sobre a razão da discussão, mas Anne manteve-a durante uns minutos ali suspensa no arame antes de falar, enquanto aguardava que Ellis desaperтasse o vestido vespertino e o deixasse escorregar pelos ombros abaixo.

— Fomos convidados para o baile da duquesa de Richmond, no dia quinze.

— Não acredito! — Mary Ellis era uma acérrima defensora de que os sentimentos deviam manter-se escondidos, mas aquela incrível notícia apanhara-a desprevenida. Recuperou rapidamente a compostura. — Quer dizer, devíamos tomar uma decisão quanto ao seu vestido, minha senhora. Vou precisar de tempo para o arranjar, se for esse o caso.

— Que tal o de seda azul-escura? Nesta temporada ainda não saiu à rua muitas vezes. Talvez pudesse encontrar alguma renda preta para o pescoço e para as mangas, para lhe dar outro ar. — Anne Trenchard era uma mulher com sentido prático, mas não era desprovida da sua ponta de vaidade. Conservara a sua figura e, graças ao seu perfil apumado e ao seu cabelo ruivo, podia certamente dizer-se que era uma mulher bela, mas não deixava que a sua consciência desse facto a tornasse uma tola.

Ellis ajoelhou-se para segurar um vestido de noite de tafetá às riscas amarelo-palha enquanto a sua patroa o enfiava.

— E joias, minha senhora?

Ainda não pensara no assunto.

— Uso o que tiver, acho eu. — Voltou-se para permitir que a criada começasse a apertar a fileira de molas douradas das costas. Fora firme com Sophia, mas não estava arrependida. Sophia vivia num mundo de sonho, tal como o pai, mas os sonhos podiam deixar uma pessoa em apuros se não fosse cautelosa. Anne sorriu, quase com desdém. Dissera que James tinha percorrido um longo caminho, mas às vezes duvidava de que Sophia soubesse realmente quão longínquo esse caminho fora.

— Suponho que tenha sido Lorde Bellasis a arranjar os convites para o baile? — disse Ellis, olhando para cima, a partir da sua posição aos pés de Anne Trenchard, para mudar os chinelos da patroa.

Verificou imediatamente que a pergunta aborrecera a Sra. Trenchard. Porque é que uma criada havia de cogitar em voz alta sobre a forma como tinham sido admitidos numa lista de convidados tão ilustre? Ou, vendo bem as coisas, que se indagasse porque é que tinham sido convidados para o que quer que fosse? Decidiu ignorar a pergunta e não responder, mas isso levou-a a ponderar sobre a estranheza das suas vidas em Bruxelas, e de como as coisas tinham mudado para eles desde que James ficara debaixo do olho do duque de Wellington. Era verdade que, independentemente das faltas disto ou daquilo, independentemente da ferocidade dos combates, independentemente da forma como se tinham estripado os campos, James conseguia sempre encontrar mantimentos num sítio qualquer. O duque apelidava-o de o «Mágico», e era mesmo o que ele era, ou pelo menos assim parecia. Contudo, o êxito obtido apenas dera asas à sua arrogante ambição de escalar as muralhas intransponíveis da Sociedade, estando cada vez mais concentrado na sua ascensão social. James Trenchard, filho de um vendedor de mercado, com quem o pai de Anne a proibira de se casar, considerava a coisa mais natural do mundo que fossem convidados para a festa de uma duquesa. Ela teria dito que se tratava de uma pretensão ridícula, só que essas pretensões tinham o misterioso hábito de se tornarem realidade.

Anne tivera uma educação muito mais esmerada do que o marido — como era previsível, por ser filha de um mestre de escola —

e quando se conheceram ela era um bom partido, muito acima dele, embora também soubesse que agora ele já a ultrapassara por larga margem. De facto, ela começara a questionar-se sobre quanto tempo mais iria conseguir acompanhar a meteórica ascensão do marido; talvez, quando os filhos crescessem, devesse retirar-se para uma modesta casa de campo e deixá-lo sozinho para batalhar a sua escalada à montanha? Ellis estava perfeitamente convencida de que o silêncio da sua patroa significava que ela falara de mais. Pensou dizer algo lisonjeiro para tentar voltar a ficar nas graças da sua senhora, mas depois decidiu manter-se calada e deixar que a tempestade passasse naturalmente.

A porta abriu-se, e James olhou em redor.

— Então, ela disse-lhe? Ele lá fez a coisa.

Anne olhou de relance para a sua criada.

— Obrigada, Ellis. Volte daqui a um bocado.

Ellis bateu em retirada. James não resistiu a fazer um sorriso.

— Critica-me pela posição que consegui graças ao meu posto, mas a maneira como despacha a sua criada faz-me lembrar a própria duquesa.

— Espero que não — eriçou-se Anne.

— Porquê? O que tem contra ela?

— Não tenho nada contra ela pela simples razão de que não a conheço, tal como o senhor. — Anne estava ansiosa por injetar umas gotas de realidade naquele absurdo e perigoso disparate. — Razão por que não devíamos permitir que nos impingissem à odiosa mulher e ocupar lugares no seu salão de baile que deveriam ter sido mais adequadamente dados a pessoas da sua esfera de conhecimentos.

Mas James estava demasiado excitado para ser acalmado.

— Não está a falar a sério.

— Estou, mas sei que não vai dar-me ouvidos.

Ela estava certa. Não podia ter qualquer esperança de minorar a alegria dele.

— É uma oportunidade extraordinária, Anne. Sabe que o duque vai estar presente? Dois duques, melhor dizendo. O meu comandante e o marido da nossa anfitriã.

— Deve ser...

— E príncipes reinantes, também. — Parou, prestes a explodir com a excitação daquilo tudo. — James Trenchard, que começou numa banca de Covent Garden, tem de se preparar para ir dançar com uma princesa.

— Não irá convidar nenhuma delas para dançar. Só iria embarçar-nos a ambos.

— Veremos.

— Estou a falar a sério. Já é suficientemente mau estar a encorajar a Sophia.

James franziu as sobrancelhas.

— Não acredita, mas o rapaz é sincero. Tenho a certeza disso.

Anne abanou a cabeça impacientemente.

— A questão não é essa. Lorde Bellasis até pode pensar que está a ser sincero, mas pertence a um mundo diferente do dela. Ele não é dono de si próprio, e dali não pode sair nada de jeito.

Ouviu-se uma vozeria nas ruas, e ela foi ver o que era. As janelas do quarto davam para uma avenida larga e movimentada. Lá em baixo, alguns soldados trajados com uniformes vermelhos, com o sol refletido nos seus galões dourados, marchavam pela rua. Tão estranho, pensou, que perante os sinais da iminência da guerra por todo o lado se estivesse a discutir um baile.

— Não tenho tanta certeza disso. — James não prescindia facilmente das suas fantasias.

Anne voltou-se para o interior do quarto. O marido assumira uma expressão de criança amuada de quatro anos.

— Pois, mas eu tenho. E se esta tolice resultar nalguma coisa má, vou responsabilizá-lo pessoalmente.

— Muito bem.

— Quanto a fazer chantagem com o pobre rapaz para que ele pedisse os convites à tia, acho isso uma humilhação indescritível.

James já não aguentava mais.

— Não vai estragar isto. Não vou permitir que o faça.

— Não preciso de estragar nada. Vai estragar-se por si mesmo.

Estava tudo dito. Ele saiu de rompante para se mudar para o jantar, e ela tocou a campainha para o regresso de Ellis.

Anne estava insatisfeita consigo própria. Não gostava nada de discutir, mas havia alguma coisa naquela história toda que a minava interiormente. Ela gostava da vida que tinham. Agora eram ricos, bem-sucedidos, com prestígio junto do meio comercial de Londres e, ainda assim, James insistia em dar cabo de tudo por querer sempre mais. Via-se a ser empurrada para uma série de salas intermináveis onde não os apreciavam, onde não gostavam deles. Via-se a ser forçada a iniciar conversas com homens e mulheres que secretamente, ou nem tanto, os desprezavam. E tudo isso quando podiam estar no seu ambiente de conforto e respeito, se James o permitisse. Porém, ao mesmo tempo que pensava tudo isto, sabia que não conseguiria travar o marido. Ninguém conseguia. Era assim a natureza daquele homem.

Escrevera-se tanto ao longo dos anos sobre o baile da duquesa de Richmond que a ocasião assumira quase a majestosidade e o esplendor próprios de uma cerimónia de coroação de uma rainha medieval. Aparecera em todo o tipo de ficção, e cada nova representação visual daquela noite era sempre mais grandiosa do que a anterior. O quadro de Henry O'Neill, datado de 1868, mostra o baile a ter lugar num palácio enorme, onde despontam gigantescas colunas de mármore, apinhado do que parecem ser centenas de convidados num choro de terror e aflição e com vestimentas mais vistosas do que uma fila de dançarinas de teatro de revista. Tal como acontece com tantos momentos icónicos da história, a realidade era bem diferente.

Os Richmond tinham vindo para Bruxelas, por um lado, numa tentativa de controlar os custos — baixar as despesas quotidianas, indo viver alguns anos para o estrangeiro — e, por outro, num gesto de solidariedade para com o seu grande amigo, o duque de Wellington, que ali instalara o seu quartel-general. Seria o próprio Richmond, um antigo soldado, a assumir a tarefa de organizar a defesa de Bruxelas, caso acontecesse o pior, e o inimigo tentasse invadir a cidade. Ele aceitou. Sabia que grande parte do seu trabalho seria administrativo, mas tinha de ser feito e dar-lhe-ia a satisfação de sentir que estava a participar no esforço de guerra,

em vez de ficar no papel de simples espectador ocioso. Como ele bem sabia, não faltava gente desse tipo na cidade.

Não havia muitos palácios em Bruxelas e, estando a maior parte deles já apalavrada, acabaram por se decidir a ficar na casa anteriormente ocupada por um elegante construtor de carruagens. Ficava na Rue de la Blanchisserie, que significava literalmente «rua da lavandaria», o que levou a que Wellington batizasse a nova morada dos Richmond como a «Lavandaria», piada a que a duquesa achava muito menos graça do que o marido. Aquilo a que hoje chamaríamos o *stand* do construtor de carruagens era uma vasta estrutura, parecida com um estábulo, que ficava à esquerda da porta de entrada, à qual se chegava atravessando um pequeno gabinete onde em tempos os clientes tinham discutido o tipo de estofos e cortinas e outros extras opcionais, e que a terceira filha dos Richmond, Lady Georgiana Lennox, transformara, de uma forma algo grotesca, numa «antecâmara». O espaço em que as carruagens costumavam ser expostas fora coberto por um papel de parede de rosas em latadas, e a divisão passou a ser considerada digna de bailes.

A duquesa de Richmond levava a família inteira para a Europa continental, e principalmente as raparigas estavam desejosas de ter alguma diversão, pelo que foi planeada uma festa. No início de junho, Napoleão, que escapara do seu exílio em Elba no princípio desse ano, deixou Paris para ir ao encontro das forças aliadas. A duquesa quis saber se Wellington achava apropriado que ela continuasse com os seus planos de diversão, e tinham-lhe garantido que sim. Na verdade, era um desejo expresso do duque que o baile representasse uma demonstração do sangue-frio dos ingleses, mostrando cabalmente que nem sequer as senhoras estavam muito perturbadas pela ideia de o Imperador francês estar em marcha, recusando a ideia de adiarem as suas diversões. Claro que tudo isso era muito bonito, mas...

— Espero que isto não seja um erro — disse a duquesa pela vigésima vez na mesma hora, enquanto se remirava ao espelho. Agradava-lhe bastante o que via: uma mulher bela, no princípio da

meia-idade, vestida numa seda de tom creme, ainda capaz de fazer virar os pescoços. Os seus diamantes eram soberbos, apesar de as suas amigas terem algumas dúvidas se os originais não teriam sido substituídos por réplicas de vidro, por razões económicas.

— É demasiado tarde para esse tipo de conversa. — O duque de Richmond estava algo divertido por se encontrar naquela situação. Tinham encarado Bruxelas como uma espécie de fuga do mundo, mas, para sua surpresa, o mundo viera atrás deles. Agora, a sua mulher ia dar uma festa com uma lista de convidados que dificilmente poderia encontrar rival em Londres, numa altura em que a cidade se preparava para cerrar os dentes e escutar o troar dos canhões franceses. — Foi um belíssimo jantar. Não vou ser capaz de cear.

— Vai sim.

— Estou a ouvir uma carruagem. Devíamos descer.

Era um homem agradável, o duque, um pai afetuoso e terno, adorado pelos filhos e com força interior suficiente para conquistar uma das filhas da famigerada duquesa de Gordon, cujos comportamentos tinham alimentado durante anos as coscuvilhices na Escócia. Estava consciente de que, na altura, havia muita gente a pensar que ele podia ter feito uma escolha mais fácil e, provavelmente, ter uma vida mais fácil; mas, tudo resumido, não se sentia nada arrependido. A sua mulher era extravagante — não havia forma de o negar —, mas era bem-intencionada, bonita e inteligente. Estava contente por a ter escolhido.

A pequena sala de estar, a antecâmara de Georgiana que os convidados eram obrigados a percorrer para chegarem ao local do baile, encheu-se com a chegada antecipada de alguns convidados. As floristas tinham feito um bom trabalho, com aqueles enormes arranjos de rosas cor-de-rosa e lírios brancos, com os estames cuidadosamente cortados por forma a evitar às senhoras a maçada das manchas de pólen, envoltos num fundo de folhagem em vários tons de verde, que davam aos aposentos do construtor de carruagens a grandiosidade que lhes faltava à luz do dia. A chama tremeluzente dos inúmeros candelabros envolvia o cenário numa luz subtil e lisonjeira.